

O SURGIMENTO DO DIÁRIO COMO OBRA LITERÁRIA NA LITERATURA CLÁSSICA JAPONESA

Neide Hissae Nagae

RESUMO: Apresentamos o surgimento dos diários literários do Japão, com a primeira obra intitulada *Diário de Tosa* e, em seguida, um levantamento dos diários literários que o sucederam.

ABSTRACT: We presented the literary diaries of Japan, with the first work entitled *Tosa's Diary*, and some works of the literary diaries that happened after it.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Japonesa, Literatura Clássica, diário literário japonês.

KEYWORDS: Japanese Literature, Classical Literature, japanese literary diaries.

1. Situando os Diários Literários

O diário literário surgiu em 935¹ com o *Diário de Tosa* da autoria de Kino Tsurayuki².

Tracemos um rápido perfil da história literária até o surgimento dos primeiros diários literários. Na Era Jôdai³, logo após a predominância da tradição oral e o

1. 935: situa-se no período Heian (794-1192).

2. Kino Tsurayuki: (870-945) poeta e escritor da primeira metade do Período Heian. Foi um dos 36 renomados poetas, e em 905, selecionador da *Coletânea de poemas de outrora e hoje (Kokin wakashû)* a primeira editada por ordem imperial. Compôs numerosos poemas sendo que mais de 300 constam de coletâneas editadas por ordem imperial.

3. Era Jôdai ou Kodai: (538-794) é dividida entre o Período Yamato que vai da fase de formação de pequenos países que precedem o surgimento do poder Yamato, ou seja, de 538, quando se dá a introdução do

surgimento dos poemas escritos em torno da figura de Kakinomoto Asômino Hitomaro, as principais obras literárias, foram o *Kokiji* (*Relato de Fatos Antigos*) compilado em 712 e o *Nihonshoki* (*Crônicas do Japão*), datado de 720, os mais antigos registros históricos do Japão; o *Izumo Fudoki* (*Registro Geográfico da Antiga Província de Izumo*), concluído em 733, que inclui também mitologias e lendas. Sabe-se que este último foi o único com o texto na íntegra e que fazia parte de um projeto maior com o objetivo de registrar as características das diversas regiões do Japão por ordem do Imperador Genmei em 713. Além deste registro, restaram apenas mais quatro: os das antigas Províncias de Harima, Hitachi, Bungo e Bizen. O *Kaifûsô* (*Memorando do Estilo dos Gênios Pioneiros*), organizado em 751, que reúne, por autor e por época, os poemas chineses desde o reinado do Imperador Tenchi até o final do Período Nara, e o *Man'yôshû* (*Coletânea de Poemas do Século VIII*), organizado provavelmente no final do Período Nara por Ootomono Yakamochi em 20 tomos que reúnem 4.516 poemas de cerca de 260 pessoas procedentes das mais diversas regiões e classes sociais, desde Imperadores e Imperatrizes até mendigos.

Na Era Chûko, que corresponde ao período que vai de 794 a 1192, data da formação do governo da classe guerreira em Kamakura, ocorreu o florescimento de uma literatura que poderíamos caracterizar de propriamente japonesa. Os poemas chineses conhecidos por *kanshibun* entraram em decadência com o encerramento das expedições culturais ao continente chinês em 894. Por volta dessa mesma época, foi desenvolvida a escrita *hiragana*, uma simplificação das letras baseadas no *man'yôgana*, ideogramas escolhidos para expressar os fonogramas japoneses. Essa escrita propiciou uma expressão mais livre dos sentimentos e dos pensamentos na língua japonesa, sendo inicialmente utilizada de maneira predominante pelas mulheres, o que lhe deu o nome de *onnade*, “mão de mulher”. Nos meados de Heian, período áureo da literatura feminina, o *hiragana* foi utilizado em textos particulares dos homens, paralelamente à escrita chinesa.

O *katakana*, hoje utilizado basicamente para grafar palavras estrangeiras, foi desenvolvido como abreviação dos ideogramas, principalmente pelos bonzos, para a pesquisa dos escritos e documentos budistas a partir do final da Era Nara (710) ao início da Era Heian (794).

Com a difusão do *hiragana*, o *waka*⁴ começou novamente a ganhar força. Entrou em moda o *uta-awase*, um tipo de jogo literário no qual os poetas formam duas fileiras que disputam entre si a supremacia de suas composições poéticas, submetidas à apreciação de um juiz, o qual se tornou parte importante da vida cultural da nobreza da época.

No início do século X nasceu, sob a organização de Kino Tsurayuki, a obra *Kokin wakashû* (*Coletânea de Poemas de Outrora e de Hoje*), a primeira a ser editada por ordem imperial. Paralelamente, surgiram obras denominadas *monogatari*, *zuihitsu* e *nikki*, traduzidas, respectivamente, por narrativa, ensaio e diário literário.

budismo, até 710 com a mudança da capital para Heijôkyô e o Período Nara que continua até a transferência da capital para Heian em 794.

4. *Waka*: poema japonês de 31 sílabas composto em 5 versos de 5-7-5-7- 7 sílabas cada.

Entre as numerosas narrativas, podemos citar a obra *Taketori monogatari* (*Narrativas do cortador de bambu*), supostamente escrita por estudiosos e bonzos no século X, que compilaram a literatura oral transmitida de geração em geração; a obra *Ise monogatari* (*Narrativas de Ise*), que parece ter assumido o formato atual em meados do século X, mas que teria sido escrita no final do século IX por alguém ligado a Ariwarano Narihira, cujos poemas e histórias acerca do mesmo assumem a parte central da narrativa; a obra *Genji monogatari* (*Narrativas de Genji*), escrita no século XI pela dama da corte Murasaki Shikibu, considerada a obra-prima da Literatura Clássica Japonesa, e a obra *Konjaku monogatari* (*Narrativas nas quais o Agora é o Passado*) do século XII de autoria desconhecida, que faz parte das Narrativas *setsuwa*⁵.

A obra *Makurano sôshi* (*Livro de Cabeceira*), escrita por volta de 1001, pela dama da corte Sei Shônagon, inaugurou o novo gênero literário *zuihitsu*, seguida, entre outras, pelas obras *Hôjôki* (*Anotações numa Cabana de Nove Metros Quadrados – 1212*)⁶ de 1212 de Kamono Chômei (1155-1216) e *Tsurezuregusa* (*Anotações no Ócio – 1331*), da autoria de Yoshida Kenkô em 1331, as quais abordam sobretudo a efemeridade da vida e de tudo o que existe no mundo.

O diário literário também nasceu em meio a todo esse florescimento, devido, entre outros fatores, ao amadurecimento resultante do longo contato com o continente chinês e ao desenvolvimento de elementos adequados à expressão dos sentimentos e da natureza japonesa como a escrita *kana*.

2. O Diário de Tosa – Obra Inaugural e Polêmica

Utilizando o *hiragana*, Kino Tsurayuki escreveu o *Diário de Tosa* em 935, e inaugurou um novo gênero, semelhante a um diário poético, com inserções introdutórias e explicativas sobre os poemas que recordam emoções pessoais do passado.

Em 930, Tsurayuki foi designado governador da Província de Tosa (atual Província de Kôchi), para um mandato de quatro anos que se estende por mais um ano, em função do atraso da chegada de seu sucessor.

A obra narra a viagem de volta de Tsurayuki e sua comitiva para a Capital, na forma de um diário que tem início no dia 21 de dezembro de 934, quando deixa o palácio do governo após a recepção do novo governador e a troca de posse, e termina com a chegada a sua residência em 16 de fevereiro de 935, cinquenta e cinco dias depois. Nesse sentido, o *Diário de Tosa* registra a viagem de regresso de um oficial do governo ao término de seu mandato, como se fosse um relatório público oficial, na medida em que transcreve os fatos. Apesar desse teor de realidade, aproveitando um fato ocorrido na época, o *Diário de Tosa* apresenta características diferentes dos diários

5. Narrativas *setsuwa*: o artigo de Luiza Nana Yoshida, publicado na Revista de Estudos Japoneses nº 20, CEJ-USP, 2000, pp. 45-53, traz o exemplo de uma narrativa *setsuwa* intitulada “O monge de nariz longo” precedido de explicações sobre esse gênero em comparação com outros como o *monogatari*.

6. *Hôjôki*: indicamos o artigo dos Anais do VIII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, CEJ-USP, 1997, pp. 53-56.

oficiais. Primeiramente, Tsurayuki o escreveu em *kana* e empregou a voz narrativa feminina, como que justificando essa forma de escrita e, ao mesmo tempo, encenando a vontade feminina de imitar os homens em seus diários burocráticos escritos em chinês, denominados de *niki*. Esses fatos tornam-se interessantes, pois as obras que posteriormente seguiram esse modelo e vieram a constituir os chamados diários literários, foram escritos principalmente pelas mulheres da corte.

Notamos, ainda, a inserção de poemas *waka*, que são apresentados como composições feitas em diversas situações ao longo da viagem pelas pessoas que compunham a comitiva do governador, imprimindo ao texto uma grande dose de subjetividade num misto de relatos de impressões e emoções demonstradas nas alegrias e nas angústias, nos encantos e decepções, temores e expectativas.

Nakano Kôichi mostra-nos uma interpretação interessante a respeito dos objetivos de Tsurayuki ao escrever o *Diário de Tosa*.

Pelo início da obra que diz:

Por volta das oito horas da noite do vigésimo primeiro dia do décimo segundo mês de um certo ano⁷, um homem partiu em viagem. A respeito dessa viagem, relatarei neste modesto registro⁸. (p. 12)

o estudioso supôs que a intenção de Tsurayuki era a de escrever um diário de viagem desde a partida da província de Tosa até a chegada à capital Quioto. Ele afirmou que, pela frase inicial do *Diário*:

Geralmente é um homem que escreve aquilo que chamamos de “Diário” mas agora uma mulher verá o que se pode fazer. (p. 12)

o autor tinha em mente os diários de viagens escritos em chinês pelos governadores em suas idas e vindas das províncias para as quais eram nomeados, e, embora se trate de um registro posterior ao *Diário de Tosa*, dá como exemplo o *Registro de Tokinori*, escrito por Tairano Tokinori nos dois meses de viagem de seu regresso à capital como ex-governador de Inaba. Na visão de Nakano, ao fazer com que o diário de viagem em chinês fosse escrito por uma mulher, o autor tornou possível o abandono do estilo característico de registro para conseguir um meio de expressar mais livremente os sentimentos pessoais que não lhe seriam permitidos enquanto oficial do governo no cumprimento do dever.

O registro ininterrupto dos 55 dias, mesmo quando consta apenas a data com a informação de que nada acontecera de diferente ou relevante, imprime verossimilhança ao diário e, ao mesmo tempo, transmite a sensação de delonga e tédio que geram

7. Certo ano: corresponde a 934 d.C.

8. Todas os trechos do *Diário de Tosa* foram extraídos da tradução, ainda não publicada, realizada pela autora, com a participação dos alunos do Curso de Japonês da FFLCH-USP que cursaram a disciplina de Literatura Clássica II no segundo semestre de 2000. Portanto, ao final de cada citação, mencionamos a página da obra original em japonês, constante no vol. 24 da coleção dos clássicos japoneses *Shin Nihon Koten Bungaku Taikei* da Editora Iwanami de 1994.

inquietação entre a comitiva, ansiosa por chegar ao seu destino. Vejamos alguns exemplos:

Dia seis. Está como ontem.
É o dia sete. Estamos no mesmo porto. (p. 12)

O *Diário de Tosa* apresenta diversos aspectos, entre os quais o louvor à memória da filha de Kino Tsurayuki, que fora com ele para a Província de Tosa e lá viera a falecer, não regressando à Capital ao final do mandato. A tristeza em relação a esse acontecimento é, de fato, fio condutor da obra e condiz com a natureza de memória que o diário literário tem. Trata-se de um registro posterior, mas escrito como se cada dia tivesse sido registrado durante a viagem, na qual várias passagens e acontecimentos trazem a recordação melancólica da filha perdida. Por exemplo, no início da obra encontramos:

Dia vinte e sete. Partimos de Ôtsu⁹ rumo a Urado¹⁰.

A filha, que nascera na Capital quando ele ainda tinha uma posição, faleceu na Província de Tosa de morte súbita e agora, mesmo vendo os preparativos para a partida, com possibilidade de retornar a Quioto, nada tem a dizer, pois sente tristeza e saudade da filha que se foi. As pessoas ali presentes também não podiam suportar esse desalento. Nesse ínterim, alguém escreveu e apresentou o seguinte poema:

(3)¹¹ Triste retorno,
à Capital se torna,
Devido à tristeza
Por aquela pessoa
Que nunca retornará.

Ainda, em outra ocasião, assim recitou:

(4) De vez em quando
Esquece-se e chama
Pela Criança
Que já falecida é.
Oh, tristeza imensa! (p. 21)

Logo depois, novas referências à criança falecida:

Neste exato momento, chegamos num lugar chamado “Hane” Uma criança, ao ouvir o nome dessa região, disse: “O lugar chamado ‘Hane’ vem do termo ‘asa de pássaro’¹²?” Sendo

9. Ôtsu, Cidade de Kôchi: local de partida.
10. Urado. Cidade de Kôchi: fica aproximadamente 12 km a noroeste de Ôtsu.
11. (3): O número entre parênteses no início de cada poema indica o próprio número na seqüência em que aparece no *Diário de Tosa*.
12. “Asa de pássaro”: em japonês, *hane* significa asa ou penas. O tom engraçado da pergunta surge devido ao fato do nome daquela região ser homófono da palavra “asa” do japonês.

essa pergunta feita por uma criança pequena, as pessoas riram; neste exato momento, a menina de antes compôs este poema:

(15) Tal qual seu nome,
Se asa de pássaro
Deveras fosse,
Queria, à capital,
Voltar logo, voando.

Os homens e as mulheres desejavam voltar o mais rápido possível à Capital, por isso, embora o poema não fosse bom, pensavam o mesmo e o guardaram na lembrança. Por causa dessa criança que perguntara sobre o território chamado *Hane*, a criança¹³ que se fora veio à memória; quando haveremos de esquecer? Hoje mais do que nunca a mãe¹⁴ deveria estar triste. Como há menos pessoas do que quando viemos, recordamos do trecho de um antigo poema¹⁵ com o seguinte significado: “*Parece que estão indo embora, a quantidade diminuiu*” e, certa pessoa compôs lamentando-se:

(16) Há, neste mundo,
Uma infinidade
De sentimentos.
O amor pelos filhos,
Porém, supera a todos. (pp. 12-13)

Mais adiante, encontramos outra menção:

Na praia dessa parada havia muitas pedras e conchas belas e variadas. Por isso, uma pessoa do barco que ficava apenas pensando com saudades em um antigo alguém¹⁶, compôs.

(41) Oh! Ondas do mar!
Tragam aquela concha!¹⁷
Com ela em mãos,
Da pessoa amada,
Hei sim de me esquecer.

Diante dessas palavras, outra pessoa, não suportando a tristeza e para animar as pessoas do barco, compôs.

(42) Não vou mais catar
Conchas que irão me dar
O esquecimento.

13. Criança: filha de Tsurayuki que faleceu em Tosa.

14. Mãe: esposa de Tsurayuki.

15. Antigo poema: poema 412 da obra *Kokinshû*.

16. Antigo alguém: refere-se à filha que morreu em Tosa.

17. Aquela concha: diz-se que a pessoa que pega e aperta essa concha esquece todos os amores e tristezas.

Guardarei de recordação,
Pérolas brancas, puras¹⁸

Por causa da menina, parece que o pai se tornara criança, perdendo o sentido de decisão. As pessoas podem dizer: “Talvez não fosse como uma pérola...” Mas também podem dizer que: “a menina que morreu tinha bela face”. (p. 24)

Logo em seguida:

Neste momento, a mãe que perdera a filha, dela não se esquecendo nenhum dia e nenhuma hora, compôs:

(47) Aproximem-se
Da margem Suminoe¹⁹
Quero sim colher
As ervas do esquecer
E seu efeito provar.

Não se trata de algo que leve ao esquecimento, mas que dê trégua ao sentimento da paixão, para que depois, ela renasça com mais força. (p. 26)

Depois, mais outra:

Entre as pessoas que subiam o rio, nenhuma tinha filhos quando deixou a Capital, mas algumas tinham bebês nascidos na província. No lugar onde o barco parou, todos desceram para abraçar os filhos. Vendo isto, a mãe que havia perdido sua criança já não podia mais controlar sua tristeza. Não se contendo, recitou:

(55) Triste é voltar
Sem a minha criança,
Outrora aqui.
E, agora, conduzir
novas crianças para cá.

Ao ouvir esse poema, o que terá sentido o pai? Recitar um poema, chorando, assim de tristeza, não é algo possível apenas por que se gosta. Tanto na China quanto aqui, dizem que é um feito realizado nos momentos difíceis de se suportar. (p. 29)

Por fim, ao chegar em sua casa:

Bem, há uma poça d'água que parece um lago, e pinheiros ali perto. Nestes cinco ou seis anos, será que se passaram mil anos? Metade do que havia lá não estava mais. Entre eles, misturavam-se alguns novos que nasceram. Encontrando grande parte da propriedade devastada, as pessoas diziam: “Que lástima!” Tudo trazia recordações, e, dentre as coisas das quais sentia saudade, está a menina que nascera nesta casa e não voltou conosco, o que é uma tristeza imensa.

18. Pérolas brancas, puras: diz respeito à criança falecida.

19. Suminoe: abreviação de Baía de Sumiyoshi.

As pessoas do barco e as crianças, todos estão em grande euforia. Nisso, sem suportar tamanha tristeza, recitei um poema às escondidas, com um confidente:

(60) Que tristeza!
O pequeno pinheiro
Cresce em casa.
Mas para cá não voltou,
A que nasceu bem aqui.

Provavelmente por ser ainda insuficiente, recitou:

(61) Tivesse ela
Os mil anos de vida
Do pinheiro,
Não teria, em Tosa,
A triste despedida. (pp. 22-32)

Como pudemos ver, são muitas as passagens que recordam a filha falecida do governador, o que nos faz constatar que, de fato, o *Diário de Tosa* tem esse tema como um dos principais.

O penúltimo poema é, claramente, uma composição de Tsurayuki, que diz “em casa” ao confidente, supostamente sua esposa. Mas, uma vez que a narradora introduz o poema do governador sem mencionar que é dele, a frase assume um caráter ambíguo, dando a parecer que poderia ser também da narradora. No entanto, pelo uso de uma expressão de suposição, que introduz o último poema, mostrando que a pessoa que compôs o poema anterior muito provavelmente não estivesse totalmente satisfeita, fica evidente que se trata de um poema do governador e não da narradora que teria maior certeza sobre seus próprios sentimentos. Temos, portanto, uma mudança do foco narrativo que revela o disfarce de Tsurayuki na voz narradora feminina.

Hagitani Boku apresenta, entre outros aspectos interessantes, o de que o *Diário de Tosa* é um tratado poético para os jovens iniciantes do *waka*. É o que podemos observar pelos comentários sobre a importância da métrica num poema, na seguinte passagem:

Enquanto avançávamos, requisitou-se aos marinheiros: “Remem logo, pois o tempo está bom” O timoneiro disse: “Mifune yori /oosetabunari. /Asagitano /idekonu sakini /tsunade haya hike” (/É uma ordem que foi dada do barco. Puxem as cordas, mais rápido que o vento norte da manhã/). Estas palavras soam como um poema porque o timoneiro as disse espontaneamente. Ele mesmo dizia que não teve a intenção de compor um verso. As pessoas que o ouviram diziam: “que estranho..., ele recitou um poema!” e ao escrevê-lo no papel, realmente tinha trinta e uma sílabas. (p. 25)

Visto por esse prisma, os 61 *waka* são modelos que mostram as condições que permitiram a sua criação, ora motivado por um acontecimento, ora por uma paisagem de grande beleza. Para exemplificar a criação de alguns poemas motivados por tais circunstâncias, apresentamos alguns que compõem essa obra híbrida de prosa e poesia:

(10) Brilho da Lua,
Em feixes de luzes
Mergulha no mar.
A foz da Via-Láctea
Deve sim, estar no mar.

(18) O vento sopra,
A onda, alta, se faz.
O vento cessa,
A onda se aquieta,
Juntos tal qual amigos.

(21) Espelho d'água,
O céu sob o mar.
Eu, minúsculo,
Sobre a imensidão
Do céu, a atravessar.

(22) Praias rochosas,
Ondas revoltas que vêm,
Nenhuma estação
A não ser a das neves²⁰,
Aqui, conhecer-se-á.

(23) Praias com ventos,
Flores²¹ que não conhecem
A primavera,
Flores que não conhecem
Nem mesmo o rouxinol.

(26) Lá na Capital,
A lua surge por trás
Dos altos montes.
Aqui, a lua surge
E se põe nas ondas.

(29) Lá bem do alto
Saberá o pinheiro,
Que a montanha
Vista daqui do barco,
Está em movimento?

20. Neves: refere-se às chuvas de ondas brancas que se assemelham à neve.

21. Flores: está se vendo as ondas como as flores de ameixeira branca.

(30) Um único som,
Nesse quebrar das ondas.
Aos olhos, porém,
Vem a clara impressão:
Cor de neve e de flor.

(56) Pequenas ondas
Em listras horizontais.
Salgueiro verde,
Em sombras verticais,
A água, um tecido.

3. *Os Diários Literários Femininos*

A Literatura de Diário parece situar-se numa área intermediária, pois, como diz Ikeda Kikan, ela está intimamente ligada aos diários familiares (*kaki*), às coletâneas de poemas (*kashû*), aos ensaios literários (*zuihitsu*), aos registros de viagens (*kikô*), e também às narrativas (*monogatari*) e aos romances (*shôsetsu*), sendo difícil distinguir claramente os limites de um de outro. Poderíamos incluir, ainda a influência das narrativas que se desenvolvem centralizadas em poemas, conhecidas por *Utamonogatari*, mencionadas por Akiyama Ken²², como o passatempo predileto de mulheres, moças e meninas juntamente com as narrativas (*monogatari*).

Shimauchi Keiji²³ também trata dessas aproximações dizendo que o ponto em comum entre o Diário (literário) e a Narrativa seria “a narração de uma vida diferente” e distingue essas obras, dizendo que a Narrativa tem um autor distanciado que observa a existência feminina pelo lado masculino, e o Diário (literário), um autor mergulhado na própria existência feminina. Usando suas palavras “o Diário (literário) é uma confissão simples em primeira pessoa que diz: – Eu tive uma experiência inédita, assim, assim. A Narrativa, por sua vez, é um pouco mais complexa, e diz: Eu vi de perto fulano de tal ter tais e tais experiências inéditas.” Podemos dizer, desse modo, que ele distingue o Diário (literário) da Narrativa, basicamente pelo foco narrativo. Na classificação de Yves Reuter, o primeiro com um narrador protagonista ou personagem que seria o narrador autodiegético que narra a sua vida, o segundo com um narrador heterodiegético, que não é um protagonista da história que ele narra.

Diante dessa dificuldade em definir claramente o que é a Literatura de Diário Feminino neste texto ainda incipiente, consideraremos como *corpus* as obras até o período Chûsei que foram escritas em *kana* e preservadas até a atualidade e ora são consideradas como tais pela maioria dos estudiosos japoneses, independentemente de

22. Akiyama Ken, Professor da Universidade Feminina Komazawa, autor do artigo *Diário e Literatura de Diário*, *Kokubungaku kaishaku to kanshō*, n. 792, Shibundō, maio de 1997.

23. Shimauchi Keiji, Professor da Universidade Denki Tsûshin. Autor do artigo “*Utatane*”, *Kokubungaku kaishaku to kanshō*, n. 792, Shibundō, maio de 1997.

controvérsias. Embora também chamados de *nikki*, excluimos os diários em chinês, de caráter burocrático, os relatos de viagens chamados de *kikô*, os diários poéticos conhecidos por *uta nikki* e os diários particulares que foram escritos em épocas posteriores e vêm sendo escritos até o presente.

Assim, num primeiro momento, organizamos²⁴ o quadro abaixo, com os principais diários literários em ordem cronológica, com o nome original em japonês, sua tradução e a autoria.

Data	Nome da Obra em Japonês	Tradução	Autor
935 ? 974	<i>Tosa Nikki</i> <i>Kagerô Nikki</i>	<i>Diário de Tosa</i> Diário de Kagerô	Ki no Tsurayuki Mãe de Fujiwara no Michitsuna
1007	<i>Izumi Shikibu Nikki</i>	<i>Diário de Izumi Shikibu</i>	Izumi Shikibu
1010	<i>Murasaki Shikibu Nikki</i>	<i>Diário de Murasaki Shikibu</i>	Murasaki Shikibu
1060	<i>Sarashina Nikki</i>	<i>Diário de Sarashina</i>	Filha de Sugawara Takasue
?1073	<i>Jôjin Ajari no Hahashû</i>	Coletânea da mãe de Jôjin Ajari (monge da Religião Tendai)	Mãe de Jônji Ajari
?1108	<i>Sanukino Suke Nikki</i>	Diário de Sanukino Suke	Fujiwara no Nagako
1219	<i>Kenshunmon'in Chûnagon Nikki (Tamakiharu)</i>	<i>Diário de Kenshunmon'in Chûnagon</i>	Filha de Fujiwara Toshinari
?1232	<i>Kenreimon'in Ukyônodaibushû</i>	<i>Coletânea do Mestre do Ministro da Direita do Kenreimon'in</i>	Filha de Fujiwara Koreyuki
1251	<i>Ben'no Naishi Nikki</i>	<i>Diário de Ben'no Naishi</i>	Gofukakusain Ben'no Naishi – Filha de Fujiwara Nobuzane
1280	<i>Izayoi Nikki</i>	<i>Diário da Lua da Décima Sexta Noite</i>	Ama Abutsu
1290-1333	<i>Utatane</i>	Cochilo	Ama Abutsu
1290	<i>Nakatsukasano Naishi Nikki</i>	<i>Diário de Nakatsukasano Naishi</i>	Fushimi'in Nakatsukasano Naishi
?1307	<i>Towazugatari</i>	<i>As Confissões de Lady Nijô</i>	Filha de (Kuga no) Nakanojin Minamoto Masatada
1329-1349	<i>Take muki ga ki</i>	<i>Registro Takemuki</i>	Filha de Hino Sukena

24. O quadro foi elaborado com base nas diversas bibliografias citadas ao final deste trabalho.

Podemos observar que os diários literários femininos começam com o *Diário de Kagerô* por volta de 974. A maioria dessas obras concentra-se nos meados do período Heian, algumas no período Kamakura (1185-1333). Grande parte é escrita pelas *nyôbo*, mulheres que possuíam instrução e serviam na corte. No entanto, é discutível o quanto elas eram valorizadas social e familiarmente, pois, como podemos observar pelo quadro, nenhuma das autoras é conhecida a não ser pela sua ocupação ou pela relação familiar recebendo uma designação sempre ligada ao filho, ao pai ou ao marido. A partir da Era Chûsei os diários vão tomando aspecto de registros comuns. Após o *Registro Takemuki* as obras literárias femininas deixam de ser produzidas, na mesma época em que se dá o desaparecimento das damas da corte.

Bibliografia

- AKIYAMA, Ken. “Nikki to Nikki Bungaku” (“Diário e Literatura de Diário”). *Kokubungaku kaishaku to kanshō*, n. 792. Tóquio, Shibundō, maio de 1997.
- HAGITANI, Boku. *Tosa Nikki zenchūshaku (Notas Explicativas Completas do Diário de Tosa)*. Tóquio, Kadokawa, 17ª ed., 1992.
- IKEDA, Kikan. “Nikki bungaku to Kikō bungaku” (“Diário Literário e Relato de Viagem Literário”). *Nihon bungaku kenkyū shiryō sōsho Heianchō Nikki I*. Tóquio, Yūseidō, 1974.
- _____. (org.) “Joryū Nikki Bungaku towa nanika” (“O que é o Diário Literário Feminino”). *Joryū Nikki Bungaku Kōza*, vol. 2. Tóquio, Benseisha, 1991.
- _____. *Heian Jidai no Bungaku to Seikatsu*. Tóquio, Shibundo, 1973.
- IMAI, Takuji. “Kodai no Nikki, Kikō/Bungaku” (“Diários Literários e Relatos de Viagens Literários do Período Antigo”). *Iwanami kōza NIHON BUNGAKU SHI DAI 3 KAN KODAI*. Tóquio, Iwanami, 1959.
- IMAZEKI, Toshiko. *Chūsei joryū nikki bungaku ronkō. (Estudos sobre os Diários Literários Femininos do Período Médio Japonês)*. Osaka, Izumi Shoin. 1987.
- ISHIDA, Yoshisada. “Chūsei no Nikki/Kikō Bungaku. (“Diários Literários e Relatos de Viagens Literários do Período Médio). *Iwanami kōza NIHON BUNGAKU SHI DAI 4 KAN KODAI*. Tóquio, Iwanami, 1958.
- KINO, Tsurayuki. *Tosa Nikki (Diário de Tosa)*. *Shin nihon koten bungaku taikai*, vol. 24. Tóquio, Iwanami, 1994.
- OKA, Kazuo. *Heian chō bungaku jiten (Dicionário Literário da Corte Heian)*. Tóquio, Toquiodō, 1972.
- SHIMAUCHI, Keiji. “Utatane” *Kokubungaku kaishaku to kanshō*, n. 792, Tóquio, Shibundō, maio de 1997.
- NIHON KOTEN BUNGAKU DAI JITEN, vol. 4. Tóquio, Iwanami, 1984.